
CAMPESINATO E PANDEMIA: AS RELAÇÕES SOCIOPRODUTIVAS NO ASSENTAMENTO 12 DE OUTUBRO NO MUNICÍPIO DE CLÁUDIA-MT MEDIANTE A AMEAÇA DO COVID-19

CAMPESINADO Y PANDEMIA: LAS RELACIONES SOCIOPRODUCTIVAS EN EL
ASENTAMIENTO 12 DE OUTUBRO EN EL MUNICIPIO DE CLÁUDIA-MT ANTE LA
AMENAZA DE LA COVID-19

PEASANTRY AND PANDEMIC: THE SOCIOPRODUCTIVE RELATIONS IN THE 12
DE OUTUBRO SETTLEMENT IN THE MUNICIPALITY OF CLÁUDIA-MT THROUGH
THE THREAT OF COVID-19

Amandla Silva Sousa¹

<https://orcid.org/0009-0003-9426-2641>
<http://lattes.cnpq.br/9199511155224365>

Armando Wilson Tafner Junior²

<https://orcid.org/0009-0003-9426-2641>
<http://lattes.cnpq.br/5842065956823540>

RESUMO: A forma da reprodução social do campesinato na Amazônia tem como principal característica, a atuação voltada para o bem-viver, distinta do objetivo de acumulação que o capitalismo implementa na sociedade Ocidental. No município de Cláudia, localizado no Norte de Mato Grosso, centro da Amazônia brasileira, onde foi realizado esse estudo, o assentamento 12 de Outubro retrata tais relações socioprodutivas. Esse cenário social quando acometido por uma conjuntura pandêmica, faz com que o trabalho familiar no campo seja afetado, pois um corpo contaminado, doente, não consegue trabalhar e a subsistência de uma família camponesa fica comprometida. Com o desfalque familiar, a sobrecarga de trabalho acaba por sobrecarregar ainda mais as mulheres, pois os homens tendem a sair para trabalhar fora do lote, e fica a cargo do gênero feminino reproduzir o funcionamento do espaço, para que a família tenha o seu sustento. O presente trabalho tem por objetivo abordar as transformações provocadas por um cenário pandêmico em uma comunidade camponesa. Para tanto, conversas com a comunidade foram feitas de forma virtual, via aplicativo e ou telefone celular, e ocorreram de forma individualizada, durante o segundo semestre de 2019. Tais conversas apontaram para uma intensificação dos trabalhos femininos durante esse período.

Palavras-chave: Gênero Feminino; Agricultura Familiar; Amazônia; Pandemia.

¹ Discente do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGS/UFMT). E-mail: nandla.soa@gmail.com

² Docente do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGS/UFMT). E-mail: armandowilson@hotmail.com

RESUMEN: La forma de reproducción social del campesinado en la Amazonía tiene como principal característica la actuación orientada al bienestar, distinta del objetivo de acumulación que el capitalismo implementa en la sociedad occidental. En el municipio de Cláudia, ubicado en el Norte de Mato Grosso, centro de la Amazonía brasileña, donde se realizó este estudio, el asentamiento 12 de Outubro retrata tales relaciones socio-productivas. Este escenario social, cuando se vea afectado por una situación pandémica, hace con que el trabajo familiar en el campo se ve comprometido, ya que un cuerpo contaminado y enfermo no puede trabajar y se convierte en un problema en lo que se refiere al sustento de una familia campesina. Con la disminución de los miembros de la familia, la sobrecarga laboral acaba siendo muy pesado para las mujeres, ya que los hombres tienden a salir a trabajar fuera del lote, y acaba por estar a cargo de lo género femenino reproducir el trabajo del lote, para que la familia tenga su sustento. Este trabajo tiene como objetivo abordar las transformaciones provocadas por una coyuntura pandémica en una comunidad campesina. Para ello, las conversaciones con la comunidad se realizaron de manera virtual, vía app y o celular, y se realizaron de manera individual, durante el segundo semestre de 2019. Tales conversaciones apuntaban a una intensificación del trabajo de las mujeres durante este período.

Palabras clave: Género Feminino; Agricultura Familiar; Amazonía; Pandemia.

ABSTRACT: The form of social reproduction of the peasantry in the Amazon has as its main characteristic, the performance aimed at the well-being, distinct from the objective of the accumulation that capitalism implements in Western society. In the municipality of Cláudia, located in the North of Mato Grosso, center of the Brazilian Amazon, where this study was carried, the 12 de October settlement portrays such socio-productive relationships. This social scenario, when affected by a pandemic situation, causes family work in the countryside to be affected, as a contaminated, sick body is unable to work and the livelihood of a peasant family is compromised. With the family shortage, the work overload ends up burdening women even more, as men tend to leave to work outside the lot, and it is up to the female gender to reproduce the work of the lot, so that the family has its livelihood. This work aims to address the transformations caused by a pandemic scenario in a peasant community. For this, conversations with the community will take place virtually, to did the mobile app, and will take place individually, during the second half of 2019.

Keywords: Female Gender; Family Farm; Amazon; Pandemic.

INTRODUÇÃO

Um estudo que tenha por objetivo, abordar as relações sociais presentes na vida do camponês, é necessário compreender o campesinato; e este como um dos elementos da questão agrária. O modo de vida camponês, trata-se de um estágio de vida distinto, permeado por relações sociais, deveras antagonistas ao capitalismo rural /agronegócio. As relações sociais presentes no campesinato alicerçam-se em características como:

ajuda mútua; a terra como parte da vida e não meio para vida; com o camponês “trabalhando a terra” e não “trabalhando na terra” (WANDERLEY,2011).

Na labuta da terra o camponês constrói, através de uma simbologia passada por meio da oralidade para as próximas gerações, uma relação com a terra, que é permeada por uma cosmologia camponesa. O camponês enxerga a terra como algo vivo, que deve ser respeitado e cuidado.

No discurso desses camponeses, observa-se que há como que uma “humanização” da natureza. O camponês se relaciona com a terra, planta “o que ela quer dar”, e depois de produzir “ela precisa descansar” e necessita de “vitamina”, isto é, adubo. Nesse discurso fica evidente a construção de relações de reciprocidade positiva em que o camponês através de seu trabalho atende ao que ela quer (consorciamento e sementes adequadas, adubo, pousio etc.) e ela por sua vez atende ao que ele necessita, e o provê com o alimento. A essas características de humanização positiva pode ser acrescentada, por outro lado, características de humanização negativa: quando demasiado explorada, “a terra se vingando dando pouco rendimento”, isto é, a natureza reage aos maus-tratos dos homens, reduzindo o rendimento da sua produção de alimentos, provocando a fome (WOORTMANN, 2016).

Se percebe então um antagonismo, da forma de vida do camponês em relação ao sistema predominante no campo brasileiro: o agronegócio. A lógica do agronegócio é a de uma empresa voltada para o lucro puro e simplesmente, desconsiderando a relação ancestral do homem com a terra, e para aumentar seus lucros, o agronegócio trava uma batalha, avançando territorialmente e dessa forma, coloca o campesinato em assolamento. A capitalização do campo, faz com que o agronegócio se aproprie das terras ocupadas pelas comunidades tradicionais, como as comunidades camponesas. Nesse cenário, o camponês, tem a sua vida dedicada a batalhar pela sua sobrevivência (BRUNO, 1997).

O campesinato deve ser percebido como agente ativo de sua reprodução sócio – econômico capaz de desenvolver estratégias (usos alternativos de recursos e insumos, internalização dos supostos da produção, etc.) pelas quais se opõe e manipula o sistema envolvente que o subordina (WOORTMANN, WOORTMANN, 1997 p. 06).

A oposição ao qual se a citação anterior, não ocorre de outra forma que não conflituosa. O campesinato enquanto modo de vida se transforma para garantia de sua sobrevivência. Temos então a dualidade do campo como um fator central na questão agrária brasileira (questão agrária, entendida aqui, como base nas relações de trabalho no campo) determinada historicamente, assim como das formas de resistência camponesa.

É nesse contexto de conflito permanente para a sobrevivência do modo de vida camponês, que os assentados do assentamento 12 de outubro situado no município de Claudia – MT, na Amazônia brasileira, enfrentam a pandemia de COVID – 19 e as consequências da mesma. O presente estudo sobre as relações socioprodutivas desenvolvidas no contexto do assentamento 12 de outubro, tornou-se aflitivo devido a insegurança sanitária que permeava a comunidade, bem como a tensão de que a vida financeira fosse afetada, trazendo a sensação de impotência para dentro do convívio social.

Ouvindo os assentados, virtualmente ou via telefone celular, nas conversas iniciadas de forma individual com os mesmos, foi percebido em suas narrativas a angústia, o medo de ficarem doentes; de não conseguirem fazer com que os seus produtos chegassem ao consumidor final por meio das feiras livres, já que as mesmas estavam suspensas para evitar aglomeração.

Para que o objetivo mencionado seja explicitado, este artigo é composto por duas seções, sendo a primeira intitulada “A relação do camponês com o corpo”, na qual será evidenciado a relação de trabalho do camponês enquanto um indivíduo inserido em uma produção executada de forma familiar; e a segunda seção, intitulada “Cuidar de Si, Cuidar da Terra, Cuidar do Outro, a Tríplice jornada da mulher Camponesa” que aponta a sobrecarga e a intensificação do trabalho da mulher em um cenário pandêmico. Por fim, há as Considerações Finais que se fazem necessárias para a melhor compreensão do leitor sobre a relação entre campesinato, pandemia e trabalho da mulher no campo, elementos que são apresentados neste trabalho.

A RELAÇÃO DO CAMPONÊS COM O CORPO

O campesinato convive com o capitalismo. Tal vivência, entretanto não é harmônica, sendo que o capital avança sobre o campesinato, e o mesmo resiste bravamente na manutenção de seu sistema de reprodução social. Essa convivência faz com que o campesinato assimile características do capitalismo, nesse sentido como discorreremos a seguir a construção da corporeidade por parte do camponês se assemelha ao do proletariado urbano.

Em um momento em que todos estavam sendo bombardeados por notícias sobre o aumento do número de casos de COVID – 19 no Brasil, além de informações que demonstravam que os casos passaram a também ocorrer em cidades menos populosas e ainda em comunidades mais isoladas, a apreensão dos moradores do assentamento 12 de outubro – e certamente que em tantos outros assentamentos do Brasil, os assentados passaram por semelhante aflição - cresceu de forma significativa. Era possível observar por meio do diálogo estabelecido entre as(os) autoras (es) e os assentados, o medo da doença. Dentre estes um camponês teve a seguinte reação, ao saber dos casos da doença no assentamento vizinho: “Deus ajude que essa doença não chegue aqui. Magina se nós lá de casa fica doente, quem é que vai dá conta das criação.” Ressalta-se aqui a relação do camponês com o seu corpo, voltado sempre ao pensamento teleológico do trabalho.

Nessa afirmação pode-se perceber que a preocupação do orador não é com um possível óbito, ou a dor que ele possa vir a sentir, mas sim com o fato de que um corpo doente não é capaz de trabalhar. Le Breton (2007) nos chama a atenção para as diferentes relações dos sujeitos com o corpo, dependendo da classe social. “As relações com a corporeidade inscrevem – se no interior das classes e culturas que orientam suas significações e seus valores.” (Le BRETON, 2007 p. 82). Esta afirmação, corrobora com o depoimento de uma assentada que atua como enfermeira na unidade de saúde, que existe dentro do assentamento. Quando perguntada qual a maior diferença entre o trabalho desenvolvido ali, e o desenvolvido na cidade, além da questão estrutural, falta de médico entre outras, a afirmação que alcançou maior notoriedade foi: “aqui ninguém me pede atestado (risos) quando o médico vem uma vez no mês e ele prescreve algum

medicamento a primeira preocupação deles (os assentados) é se vai causar leseira, moleza”.

[...] as classes populares mantêm uma relação mais instrumental com o corpo. A doença, por exemplo é ressentida como um entrave à atividade física, principalmente profissional. A queixa dirigida ao médico diz respeito, sobretudo, à “falta de força”. A doença retira dos membros dessa camada social a possibilidade de fazer do corpo um uso (profissional, sobretudo) habitual e familiar. Desta forma não prestam nenhuma atenção especial ao corpo e o utilizam sobre como um “instrumento” ao qual demandam boa qualidade de funcionamento e de resistência. A valorização da força lhes confere a uma maior tolerância, “eles não admitem, sobretudo, sentirem-se doentes”. Certamente, nunca ter sido afastado por doença foi, durante muito tempo, motivo de orgulho e valor respeitado por inúmeros operários (LE BRETON, 2007, p.82).

Em um contexto de uma pandemia causada por uma nova doença, que muito pouco se sabe, mas que possui sintomas semelhantes a uma gripe, os primeiros casos de COVID 19 registrados no assentamento ainda no mês de maio, onde 4 pessoas da mesma famílias testaram positivo, exemplificam a visualização do corpo como instrumento trazida por Le Breton (2007), pois o processo de investigação epidemiológica, realizada pelas equipes de saúde, apresenta indícios de que o filho mais velho teria sido o primeiro a apresentar sintomas, contaminando-se muito provavelmente nas diárias feitas na cidade afim de contribuir com a renda familiar, mas optou por não ir ao médico, pois ainda estava bem o suficiente para trabalhar, sendo que o trabalho desenvolvido no lote da família, a exemplo da maioria dos lotes que são voltados à agricultura familiar, são trabalhados de forma coletiva, e dessa forma, outros dois membros da família acabaram por contrair a doença.

As exigências de rendimento que o capital impõe ao trabalhador, faz com que o mesmo não se sinta no direito de observar os cuidados necessários com o seu próprio corpo, pois um repouso significaria uma improdutividade, e desta forma, afim de compreendermos a relação do trabalhador com o corpo, precisamos compreender os mecanismos de controle utilizados pelo capital.

Una sociología de los cuerpos/emociones involucra la aceptación de que si se pretenden conocer los patrones de dominación vigentes en una sociedad determinada, hay que analizar: cuáles son las distancias que esa misma sociedad impone sobre sus propios cuerpos, de qué manera los marca, y de qué modo se hallan disponibles sus energías sociales. En la misma dirección

es posible afirmar que los sistemas de dominación existentes, tejidos entre las distancias establecidas, dan lugar a: a) los patrones de inercia de los cuerpos, b) su potencial desplazamiento, c) los modos sociales de su valoración, d) y los tipos de usos sociales aceptados. La dominación no aparece en el cuerpo en todo tiempo-espacio de la misma manera; las marcas corporales son inscripciones socialmente establecidas por el proceso de dominación en el que está sumida una sociedad determinada. Es decir, la geometría corporal se asienta en una geocultura y en una geopolítica de la dominación. Así, la política de los cuerpos, es decir, las estrategias que una sociedad acepta para dar respuesta a la disponibilidad social de los individuos es un capítulo, y no el menor, de la estructuración del poder. Dichas estrategias se anudan y “fortalecen” por las políticas de las emociones tendientes a regular la construcción de la sensibilidad social. Es en este marco donde los fantasmas y fantasías sociales adquieren un rol fundamental (SCRIBANO, 2012).

Se o trabalho desenvolvido pelo individuo, fosse outro que não dependesse de forma tão intensa de sua capacidade de exercer força física, teria ele procurado o atendimento médico?

As classes mais privilegiadas têm tendência a estabelecer uma fronteira mais tênue entre saúde e doença a adotar, com relação a esta última, uma atitude mais preventiva para evitar qualquer surpresa. “Na medida em que subimos na hierarquia social, que o nível de instrução cresce que diminui correlativa e progressivamente a importância do trabalho manual em relação ao trabalho intelectual, o sistema de regras que rege a relação do indivíduo com o corpo é igualmente modificado. Quando a atividade profissional é essencialmente uma atividade intelectual que não exige nem força nem competência física particular, os sujeitos sociais tendem a estabelecer uma relação consciente com o corpo e a tomar mais cuidado com as sensações orgânicas e à expressão dessas sensações e, em segundo lugar, a valorizar a graça a beleza, a forma física em detrimento da força física (LE BRETON, 2007, p.83).

Vigora então no assentamento, como em outras comunidades pelo mundo o medo da doença, sendo o medo da incapacidade gerada pela doença o fator de maior preocupação, pois para o camponês nenhum só dia pode ser perdido, mas não na perspectiva de quanto mais trabalho maior serão seus lucros, a relação que o camponês tem com o trabalho da terra é distinta de uma lógica mercantil pura e simples.

Para sobre o camponês o medo de que a doença ou a doença dos seus o impeça de cuidar da terra, o camponês trabalha a terra para obter o sustento da família, por meio da produção de alimentos para o consumo, como também para a comercialização do excedente. Isto, não exclui outras formas de trabalho como a diária, a *empreitada*, a prestação de serviço na escola e no posto de saúde (localizados na área social) e, ainda,

o emprego na cidade ou em fazendas da região. Porém, é o trabalho na própria terra que representa a possibilidade de viver dela e nela.

E é neste cenário, que já se constituía anteriormente como uma área de conflitos, onde os camponeses lidam com o medo das ações de “campanhas” contratados por fazendeiros que tentam a todo instante enfraquecer os assentados para que eles abandonem suas terras (o assentamento foi vítima de 4 incêndios comprovadamente criminosos de 2014 a 2019), que se instala com o advindo da pandemia um aumento no sentimento de temor.

Os camponeses não podem deixar de ir a cidade oferecer seus produtos excedentes, pois é o excedente que garante o pagamento de contas de manutenção do lote, como luz, mantimentos, insumos pro trabalho na terra, entre outros. Com a suspensão das feiras livres para evitar aglomeração, a angústia aumenta, pois o incremento da renda passa a não existir, e toda essa carga emocional acaba por afetar as relações sociais e o corpo físico dos sujeitos, pois não há como separar o corpo das emoções.

La idea central que recorre esta presentación es muy sencilla pero necesita de ser justificada: no es posible indagar y reflexionar sobre cuerpos/ emociones por separado como si existiera alguna posibilidad de que unos no remitieran a las otras y vice-versa (SCRIBANO, 2012).

E ainda há as emoções que são expressas pelos camponeses. Estas são refletidas nas relações com o corpo são socialmente construídas em um processo coletivo. Para tanto, existe um conjunto de regras e normas que estabelecem o que devemos sentir, e como devemos expressar esses sentimentos há depender da situação. Tais normas se apresentam de forma sutil de tal forma que se quer a percebemos.

En este contexto, entenderemos que los mecanismos de soportabilidad social se estructuran alrededor de un conjunto de prácticas hechas cuerpo que se orientan a la evitación sistemática del conflicto social. Los procesos de desplazamiento de las consecuencias de los antagonismos se presentan como escenarios especulares y desanclados de un espacio-tiempo. La vida social “se-hace” como unsiempre- así. Los dispositivos de regulación de las sensaciones consisten en procesos de selección, clasificación y elaboración de las percepciones socialmente determinadas y distribuidas (SCRIBANO, 2012).

Com o aumento da dificuldade da circulação do excedente da produção, se faz necessário a ida de membros da família para a cidade a procura de emprego, para que dessa forma possam enviar dinheiro para manutenção do lote. Com baixa qualificação escolar, esses camponeses acabam por serem direcionados, por meio das relações de Capital já estabelecidas, ao trabalho precarizado, com baixos rendimentos e sem direitos trabalhistas. Segundo os dados do governo de Mato Grosso o setor da construção civil foi o menos afetado pela pandemia, sendo que o município de Sinop, situado a 60km do assentamento 12 de outubro, registrou o aumento de vagas de emprego neste setor. Tais vagas são majoritariamente destinadas aos homens, desta forma se visualizou no assentamento uma migração temporária dos homens adultos para a cidade, e às mulheres ficou todo o peso da manutenção da atividade produtiva do lote, e do cuidado com as crianças e com os mais velhos.

CUIDAR DE SI, CUIDAR DA TERRA, CUIDAR DO OUTRO, A TRÍPLICE JORNADA DA MULHER CAMPONESA

As relações de gênero e étnico-raciais, são transversais em todas as relações sociais, e tratar das relações sociais que se estabelecem entre os camponeses é também compreender que toda e qualquer relação se dá dentro de uma sociedade marcada por uma opressão de classes, desta forma as relações construídas entre a classe trabalhadora, nunca serão as mesmas da burguesia, e no que concerne a relação dos sujeitos com o trabalho não é diferente.

Os seres humanos não agem - e nunca vivem - sob o prisma de uma única relação social; restringir suas práticas a uma única perspectiva, qualquer que seja, significa privar-se das chaves de acesso a todo e qualquer entendimento das riquezas, isto é das ambivalências e ambiguidades das práticas sociais. Em outras palavras, é buscar um princípio de repetição onde há abundância, complexidade e inventividade (KERGOAT, 2002).

Desde a década de 60 o número de estudos que se concentram em analisar o que foi conceituado como divisão sexual do trabalho, teve um aumento expressivo. Tais estudos dentre outros fatores, abordam a questão da invisibilidade do trabalho doméstico, e a desvalorização dos trabalhos ditos femininos. A divisão sexual do

trabalho nos traz o conceito de trabalho produtivo e trabalho reprodutivo, sendo as atividades ligadas ao trabalho de produção destinadas aos homens e o reprodutivo as mulheres. No campo a divisão sexual do trabalho se percebe desde a organização do lote.

A organização dos espaços de trabalho e morada no lote camponês é conduzida pela família, tendo como responsáveis os adultos, tanto homens quanto mulheres. As crianças e jovens são inseridos nesse processo de aprendizagem, por meio da experiência, a medida que ajudam os adultos em atividades como o trato das criações, a sementeira, a limpeza nos espaços de cultivo e criação.

Na frente do lote afastado da casa, fica o pasto e a roça voltado para estrada, o trabalho nestes espaços, que exige maior força física, majoritariamente fica ao encargo dos homens adultos. São eles os responsáveis pelo preparo da terra, pelo plantio do capim e pela sua manutenção. A participação da mulher, quando há, é considerada como “ajuda”.

No sentido oposto ao pasto e a roça e à frente da casa, fica o quintal. Este também é um lugar de trabalho. As ferramentas e insumos, tanto para o trabalho na terra, quanto para o manejo do gado e o trato das demais criações, são armazenados neste local. É, ainda, neste espaço que é construída a verdadeira cozinha do lote onde a produção será preparada para consumo e circulação do excedente.

O espaço do quintal é sempre ligado a casa de forma que a mulher possa preparar a massa para fazer o queijo e o requeijão, beneficiar a castanha, realizar a debulha do feijão, higienizar os legumes, as hortaliças e preparar as refeições no fogão a lenha, mas nunca se distancia da casa, é também ao redor da casa, ou ao fim do quintal que geralmente se encontram a horta e as criação (aves e suínos). Geralmente a função de tratar dessas criações é da mulher com a ajuda das crianças, e a carga de trabalho das mulheres, não pode ser descrita por somente essas tarefas, já que é de responsabilidade delas também o cuidado com a casa e as crianças, trabalho este muitas vezes invisibilizado.

O trabalho é, a nosso ver, o desafio das relações sociais de sexo. Não se trata aqui apenas do trabalho assalariado ou mesmo profissional mas de trabalho enquanto "produção de vivência". Ele tem, nesse texto, um duplo estatuto: -

No plano coletivo, esse conceito de trabalho inclui não apenas o trabalho profissional (quer seja assalariado ou não, comercial ou não, formal ou não) como também o trabalho doméstico (que excede em muito as tarefas domésticas para incluir os cuidados corporais e afetivos para com os filhos, o acompanhamento de sua escolaridade e até sua produção física (KERGOAT, 2002).

É importante ressaltar novamente que quando a família não possui outros indivíduos adultos além do casal, o trabalho físico necessário para a manutenção do pasto e da roça é feito pelos dois, mas o trabalho da mulher é sempre visto como uma “ajuda”.

Como dissemos ao fim da primeira parte deste trabalho, com a dificuldade da circulação dos produtos campesinos nas cidades oriundo da pandemia, os adultos da família viram-se na necessidade de procurar emprego na cidade, na forma de revezamento para que sempre fique alguém no lote, para cuidar da roça e da criação, entretanto o que se percebeu através dos diálogos com os assentados, é que no caso das famílias que possuem pessoas idosas ou crianças não houve revezamento, os homens foram para a cidade e as mulheres ficaram no lote, em uma destas conversas um dos camponeses se expressa da seguinte forma: “eu vim pra cidade trabalhar, a mulher fico em casa, alguém tinha que ficar pra dar comida pros bichos, ai ficou ela, por causa das crianças.”

Ficou então ao encargo da mulher todo o trabalho produtivo e reprodutivo do lote, mas se analisarmos a fala do camponês, percebemos que aquilo que ele vê como trabalho é o dele exercido externo ao lar, e não o da mulher que ficou em casa.

Hirata e Kergoat (2008) afirmam que até mesmo sociólogos que se dedicam ao estudo da sociologia do trabalho, ignoram o trabalho doméstico como uma categoria de trabalho, e veem o trabalho apenas dentro das relações remuneradas, desconsiderando que boa parte do trabalho exercido pelas mulheres se dá na esfera doméstica.

A questão é posta apenas em algumas linhas, curiosamente, aliás, em conclusão do capítulo sobre o desemprego, escrito por Jacques Dofny: “Mas a sociologia do trabalho deve parar na análise da população ativa?” (...) A noção de mercado do trabalho é central nestas classificações. Esta definição restritiva do trabalho exclui uma parte substancial dos trabalhos realizados na vida social, precisamente aqueles que não são o objeto de uma remuneração, como os trabalhos domésticos ou a participação ativa na sociedade sem fim lucrativo. O que é definido como trabalho, é toda atividade levada em conta pela contabilidade nacional. Não é evidente que este ponto de vista seja aquele

do sociólogo, tradicionalmente atraído pelas análises da divisão do trabalho social (...)” (DOFNY, 1970 *apud* HIRATA, KERGOAT, 2008).

Se percebe ainda na fala do camponês, que como as crianças requerem cuidado, não havia como ele ficar no lote, está implícito nesta fala a ideia de que se fora ele aquele que permanecesse no lote, não haveria quem cuidasse das crianças, retornamos então a um dos conceitos-chaves da divisão sexual do trabalho, a ideia de que existe “trabalho de homem e trabalho de mulher”.

A divisão sexual do trabalho caracteriza-se pela designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva assim como. Essa forma de divisão social tem dois princípios organizadores: - o princípio de separação (há trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) -o princípio hierárquico (um trabalho de homem "vale" mais do que um trabalho de mulher). O fato desses dois princípios organizadores se encontrarem em todas as sociedades conhecidas e de serem legitimados pela ideologia naturalista, não quer dizer, contudo, que a divisão sexual do trabalho seja um dado imutável. Pelo contrário, suas modalidades concretas variam muito no tempo e no espaço como demonstraram etnólogos/ as e historiadores/as (KERGOAT, 2002).

Em outro diálogo, um jovem de 18 anos relata que ambos os pais foram para a cidade e no lote ficou o próprio junto com os irmãos. Ele descreve a ida dos pais para cidade da seguinte forma: “eles foram pra cidade, tão ficando na casa de uma tia lá em Sinop, o pai tá trabalhando numa obra e a mãe tá fazendo faxina.” A reprodução na fala do jovem de que o trabalho doméstico não é um trabalho ocorre de forma automática.

As mulheres que permaneceram no assentamento enquanto seus companheiros migraram temporariamente para a cidade, ficaram, em seus lotes, por esperarem delas, dentre outras tarefas de manutenção do lote, que as mesmas exerçam tarefas “tipicamente femininas” como o cuidado da casa, das crianças e dos idosos.

O cuidado com os outros membros da família, é um trabalho que assim como o doméstico possui pouco ou nenhuma visibilidade. A sociedade patriarcal, construiu a ideia de que cuidar dos membros mais vulneráveis da família é obrigação da mulher, instituindo a ela inclusive, instintos e características naturais, que justificariam o fato de que a mulher é a melhor escolha para a realização de tais atividades. O trabalho exercido por ela para que todos tenham suas necessidades atendidas, acaba sendo tratado com uma questão de moralidade e não como um trabalho.

Uma senhora assentada, quando indagada se não tinha medo de ficar doente, por estar indo ao banco, em um momento em que os casos da doença se encontravam em seu pico, respondeu da seguinte forma: “E eu lá tenho tempo de ficar doente, tem roupa no tanque pra lavar, comida pra fazer, criança pra cuidar, tem tempo de ficar doente não, eu já plantei foi mais açafão, lá em casa tá todo mundo tomando chá de açafão e de poejo que é pra ninguém adoecê.” na fala dela se percebe claramente uma mulher que executa um trabalho diário de alta complexidade, pois é o seu trabalho, cuidar de si, cuidar do outro e cuidar da terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início da luta do camponês é o direito à terra; mas após a entrada na terra, outras tantas lutas se desenvolvem. Lutas para ressignificar o espaço ocupado, que outrora eram fazendas controladas pelo agronegócio. O camponês que vive da terra, e a sua ação cotidiana, transforma terra explorada em terra de trabalho e de morada.

O campesinato acaba por conviver com o capitalismo, mas essa convivência não é harmônica, e é neste contexto de inúmeras lutas para assegurar seu modo de vida que o camponês enfrenta os desdobramentos de uma pandemia. A vida do camponês é tão marcada pela exploração do capitalismo que se percebe nos trabalhadores, nesta conjuntura pandêmica, o medo de contrair a doença, e não o medo da morte que povoa as mentes patronais. O medo do camponês é o da incapacidade de trabalhar.

Nesse período o camponês viu os principais mecanismos de circulação do que é produzido em seus lotes serem suspensos. Passaram e enfrentar o medo real da não subsistência. E é esse medo que força os camponeses há uma migração temporária para a cidade; é nesse processo migratório que se evidencia a marcante divisão sexual do trabalho presente em nossa sociedade, pois no momento de definição, no qual os indivíduos adultos irão direcionar-se para a cidade em busca do acréscimo do sustento familiar, há que se definir também quem ficará no lote para cuidar das criações, crianças e eventualmente idosos. O homem acaba por se destinar a cidade e a mulher por ficar no lote, e os critérios estabelecidos para que tal definição seja deliberada, são os mesmos reproduzidos a centenas de anos pela sociedade patriarcal: o gênero feminino tem uma

habilidade “natural” para exercer o cuidado com os mais dependentes (crianças e idosos).

A pandemia afetou certamente os mais vulneráveis, como apontado neste trabalho, porém, as mulheres foram significativamente ainda mais afetadas, devido à seus afazeres - definidos por uma sociedade patriarcal – serem intensificados, pois quando os maridos vão para a cidade, a mulher acaba por fazer o trabalho imposto à ela, e também o do homem, nos pastos e na roça.

REFERÊNCIAS

BRUNO, R. **Senhores da Terra, Senhores da Guerra: A nova face política das elites agroindustriais no Brasil.** Rio de Janeiro: Forense Universitária/UFRRJ, 1997.

HIRATA, H; KERGOAT, D. Paradigmas sociológicos revistos à luz da categoria de gênero. Que renovação aporta a epistemologia do trabalho? *In: Revista Novos Cadernos NAEA*, v. 11, n. 1, p. 39-50, 2008.

KEROGAT, D. A Relação Social de Sexo Da Reprodução das Relações Sociais à sua Subversão. *In: Pro-Posições*, v. 13, n. 1, 2002.

LE BRETON. **A sociologia do corpo.** Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

SCRIBANO, A. Sociologia de los cuerpos\emociones. Argentina: **Revista latino-americana de estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad.** n. 10, año 4, 2012.

WANDERLEY, M. N. **Um Saber Necessário: Os estudos Rurais no Brasil.** Campinas: EdUnicamp, 2011.

WOORTMANN, E. F; WOORTMANN, K. **O Trabalho da Terra. A lógica e a simbólica da lavoura camponesa.** Brasília: Editora UnB, 1997.

WOORTMANN, E. Dimensões e Concepções camponesas. *In: CAVIGNAC, J.; MACÊDO, M K. (Org.), Tronco, ramos e raízes! [Recurso eletrônico]: história e patrimônio cultural do Seridó negro.* Natal, RN: EDUFRN, 2016. p. 47 – 65.